

TRABALHO COLABORATIVO: O PROFESSOR COMO ORGANIZADOR E FACILITADOR DE MODOS DE INTERAÇÃO

**JULIANA MENDES OLIVEIRA JARDIM¹; GILCEANE CAETANO PORTO²; MARTA
NÖRNBERG³**

¹Universidade Federal de Pelotas 1 – juoliveira2004@yahoo.com.br 1

² Universidade Federal de Pelotas – gilceanep@gmail.com 2

³ Universidade Federal de Pelotas– martaze@terra.com.br 3

1. INTRODUÇÃO

Este texto resulta de estudo que verifica a importância do desenvolvimento, de forma sistemática, do trabalho em grupo numa perspectiva colaborativa, identificando como o professor organiza e realiza intervenções produtivas para o sucesso do mesmo. O trabalho de pesquisa vincula-se as minhas atividades como professora bolsista de educação básica no âmbito do Observatório de Educação/CAPES - Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: Formação de professores e melhoria dos índices de leitura e escrita no ciclo de alfabetização (1º ao 3º ano), reconhecido pela sigla OBEDUC-PACTO.

Entendo que o trabalho colaborativo facilita o processo de aquisição da escrita e cabe ao professor a função de organizar, planejar e facilitar o desenvolvimento de uma cultura de colaboração em sua sala de aula. WELLS (2001 apud SALVADOR, 2000) sugere que o professor precisa fazer com que sua sala de aula se torne uma comunidade de indagação, ou seja, um espaço onde os alunos discutem e relacionam a teoria com a prática e também refletem sobre suas ações.

Partindo dessa concepção de como ocorre a aprendizagem, várias estratégias podem auxiliar o professor a ser um mediador durante o processo de construção do conhecimento. Entre elas está o trabalho colaborativo, que reitera a ideia de VYGOTSKY (1998) de que o desenvolvimento e a aprendizagem ocorrem pelas interações sociais.

Os estudos direcionados ao trabalho em grupo citam como sinônimos os termos colaboração e cooperação para designá-los. DAMIANI (2008), ao realizar uma pesquisa que objetivou entender os benefícios e desenvolvimento do trabalho colaborativo, buscou referência em COSTA (2005) para explicar a diferença entre os dois termos: “embora tenham o mesmo prefixo (*co*), que significa ação conjunta, os termos se diferenciam porque o verbo cooperar é derivado da palavra *operare* - que, em latim, quer dizer operar, executar, fazer funcionar de acordo com o sistema - enquanto o verbo colaborar é derivado de *laborare*- trabalhar, produzir, desenvolver atividades tendo em vista determinado fim” (COSTA, 2005 apud DAMIANI, 2008, p.214)

Na cooperação existe uma ajuda mútua durante a execução das tarefas, embora essas não sejam fruto da negociação conjunta. Já, na colaboração, o objetivo central é a tomada de decisão conjunta e, portanto, tudo precisa ser discutido coletivamente. Partindo desta referência conceitual, opto pelo termo colaboração, que descreve melhor o objetivo do trabalho de pesquisa realizado.

Em um estudo sobre professoras de sucesso, DAMIANI (2000), baseada nas ideias de Vygotsky (1998) sobre o trabalho na Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) - onde estão localizados os conhecimentos ainda por desenvolver e que necessitam do auxílio de um mediador mais capaz -, comenta a importância da

prática guiada na aprendizagem. Nela, o aprendiz toma emprestado, do seu interlocutor mais capacitado, os modelos que ainda não desenvolveu inteiramente e usa-os para construir suas próprias habilidades, condutas, raciocínio e significados, podendo, assim, chegar a ultrapassar seus limites.

Complementando essa ideia, COLAÇO (2004) afirma que as crianças ensinam umas as outras, tendo como modelo de referência os modos interacionais que vivenciam com o professor. Assim, quando interagem entre si, as crianças, em muitos aspectos, reproduzem e recriam o modelo do professor, pois elas "orientam, apoiam, dão respostas e inclusive avaliam e corrigem a atividade do colega, com o qual dividem a parceria do trabalho, assumindo posturas e gêneros discursivos semelhantes ao do professor" (p.339).

MOYSES (1997) alega que o trabalho compartilhado favorece a criação de ZDPs e o trabalho nelas.

O autor cita uma pesquisa que analisa a importância do tutoramento nos trabalhos em grupos, afirmando que o papel do professor consistiu em fazer perguntas e à medida que o aluno ia encontrando as respostas, compreendia a lógica da tarefa e, como consequência, ia se libertando da direção do professor. A autora comenta, ao analisar alunos que auxiliavam os professores como tutores de outros alunos, que os primeiros apresentavam as mesmas características do professor que auxiliavam. Sabendo que o trabalho com grupos colaborativos qualifica o processo de aprendizagem dos alunos durante a aquisição da escrita, é interessante nos perguntarmos por que ele nem sempre é utilizado pelos docentes e o que é necessário para que esta prática atinja níveis elevados (CANDELA, 2002) onde o colaborar e aprender com o colega também é objetivo de toda e qualquer atividade.

Após realizar pesquisa que investigava os benefícios do trabalho colaborativo (OLIVEIRA, 2006), notei que o fato dos alunos trabalharem em grupos sistematicamente não garante que ocorra a colaboração efetiva, aonde o aprender com o outro também é objetivo de toda e qualquer atividade proposta em grupo. Foi no exercício de minha prática docente que percebi que para que o trabalho colaborativo ocorra é preciso que o professor seja um modelo "do como eu auxilio meu colega" para que, de fato, ele seja beneficiado em seu processo de aprendizagem. Também percebi como o professor pode realizar intervenções produtivas durante a realização das atividades de modo a fazer com que os alunos entendam e valorizem os saberes uns dos outros.

2. METODOLOGIA

O campo empírico é composto por uma turma de 1º ano do Ensino Fundamental de uma escola da Rede Municipal de Pelotas – e, por mim, a professora-investigadora.

As atividades de pesquisa realizadas até o momento compreendem diferentes etapas. Na primeira etapa, fiz a revisão bibliográfica sobre o trabalho colaborativo, a importância e desafios no processo de aquisição da escrita junto com o desenvolvimento do letramento. Na segunda etapa, criei ou adaptei sequências didáticas que tinham dois objetivos: atividades que proporcionassem a apropriação do SEA e planejei as intervenções enquanto professora para realizar durante a aplicação desta sequência didática. O desenvolvimento destas atividades, em sala de aula, foram gravadas em vídeos. Na terceira etapa, as gravações já feitas em vídeo foram analisadas com objetivo de entender se os dados coletados respondem às indagações deste estudo. Em um quarto momento, foram aplicadas, as

sequências didáticas e intervenções com a minha turma de 1º ano do Ensino Fundamental. Paralelamente estão sendo aplicados testes, segundo indicações de FERREIRO TEBEROSKY (2003), bimestralmente, para verificar o desenvolvimento dos alunos em suas hipóteses de escrita. Estas escritas são um dos instrumentos de coleta da pesquisa que tem por objetivo acompanhar o desenvolvimento e a aprendizagem dos alunos referente ao processo de aquisição do sistema de escrita alfabetica.

No quinto momento ocorrerá à gravação de entrevistas semiestruturadas (gravadas em áudio) com as crianças que compõe a turma investigada, com o objetivo de entender como as crianças pensam que aprendem.

Ainda como instrumento de coleta de dados há a escrita de um diário de campo e uma tabela que teve como objetivo identificar as atividades pedagógicas que proporcionam maiores níveis de colaboração.

Por fim, por meio de análise temática (MINAYO, 1993), pretende-se relacionar os dados dos testes das hipóteses de escrita, com os vídeos, com o diário de campo, a tabela e dados das entrevistas com os alunos de modo a verificar se a aplicação sistemática das propostas e sequências didáticas sugeridas favorecem e/ou aprimoram o processo de aquisição da escrita dos sujeitos da pesquisa, em contexto de trabalho colaborativo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta pesquisa encontra-se em andamento, Por isso, este trabalho apresenta resultados da análise preliminar das gravações em vídeo e do registro do diário de campo. Identifiquei, até agora, três eixos importantes de como o trabalho colaborativo favorece o processo de aprendizagem.

Desafios facilitam o trabalho colaborativo

Os momentos nos quais a colaboração atingiu níveis mais elevados foram quando as crianças eram desafiadas a escreverem sozinhas, tanto por meio do alfabeto móvel, como escrever o nome dos desenhos. Nestes momentos percebi que a parceria com crianças que estavam em níveis de escritas diferentes (pré-silábico, silábico e alfabetico) fazia com que a troca de aprendizagens fossem maiores e a colaboração atingia níveis elevados. Esse dado corrobora ideias trazidas CANDELA (2002).

As crianças, ao interagirem com os colegas, assumem posturas e falas semelhantes a da professora

Em diversos momentos as crianças assumem posturas e falas semelhantes as da professora, especialmente quando interagem e auxiliam o outro. Ao analisar os vídeos, percebi que frases e posturas da professora são repetidas pelos alunos quando estes estão dialogando ou tentando ajudar um colega que se encontra em um nível de aprendizagem diferente do seu. “Pensa como faz esse som”; “Olha para os cartazes”; “Não é assim que ajuda! A gente tem que fazer perguntas, se não ele não aprende”; “Quando um fala os outros escutam”. Essas frases são exemplos de falas ditas pela professora e que os alunos a repetiam ao interagir com o colega. Esse dado vem ao encontro das ideias de DAMIANI (2000) e COLAÇO (2004), quando destacam a importância da prática guiada e dos modelos interacionais que o professor deve fornecer aos alunos.

A professora é um modelo de valorização dos saberes do outro

Na análise dos vídeos, fica evidente que a professora assume uma postura de valorização dos diferentes saberes dos alunos e do aprender e respeitar o outro.

Posturas como: bater palmas quando uma criança consegue ler sozinha uma palavra ou compartilha algo que pensou ou desenhou são constantes e repetidas inúmeras vezes nas gravações; interromper a atividade para relembrar a turma ou algum aluno sobre as regras de convivência e acordos realizados anteriormente também é uma prática observada; repetir a resposta que a criança deu para o grande grupo, com destaque para que todas prestem atenção porque é algo importante. Com esses dados, penso que para se construir uma comunidade de indagação (WELLS 2001 apud SALVADOR, 2000), na qual os alunos sintam vontade de compartilhar os seus saberes e aprenderem com o saber do outro, é preciso que o professor invista nas regras de convivência e adote uma postura tanto em seu discurso como em sua prática que valorize os diferentes saberes e o outro.

4. CONCLUSÕES

Os dados permitem pensar sobre o papel do professor na organização do trabalho colaborativo como fundamental, pois cabe-lhe a tarefa de proporcionar ambientes propícios para que a colaboração aconteça e atinja níveis mais elevados. Portanto, é o modo como ele interage com os alunos que influencia ou cria repertório de como os alunos podem interagir entre si. Sua postura em sala de aula pode estimular ou evitar o aprender com o outro.

Sabendo que o processo de aquisição do sistema de escrita alfabetica é complexo e exige uma mediação constante para que a criança avance de um nível para o outro, o trabalho colaborativo, quando bem planejado pelo professor, pode se tornar uma ferramenta fundamental para auxiliá-lo nas mediações pedagógicas. Por fim, sustento que alunos em diferentes níveis de aprendizagem podem mediar as aprendizagens junto aos colegas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CANDELA, A. Co-construcción de conocimiento en contextos escolares. **Anais da III Conferência de Pesquisa sócio-cultural**, Campinas, 2002.
- COLAÇO, V. F. R. Procedimentos interacionais. **Psicologia reflexão e crítica**: v.17, n.3, p. 333-340, 2004
- DAMIANI, M. F. As interações ensinantes de professoras de sucesso: aprendizagem guiada e imitação. In: **ANAIS DA 23ª. REUNIÃO ANUAL DA ANPED**, 2000, Caxambu, p.1-17.
- DAMIANI, Magda Floriana. Entendendo o ensino colaborativo em educação e revelando seus benefícios. **Revista Educar Curitiba**: Ed. UFPR, 2008, n. 31, p. 213-230.
- FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 2.ed. Rio de Janeiro: Hucitec, 1993.
- SALVADOR, C. C. et al. **Psicologia do Ensino**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.
- OLIVEIRA, J. M. ; DAMIANI, Magda . Trabalho Colaborativo: Uma análise do perfil de duas professoras que trabalham com os alunos organizados em grupos. In: **XV CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA VIII ENCONTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO DA UFPEL**. Pelotas, 2006.
- VYGOTSKY, L. S. **A formação Social da Mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 6º ed. São Paulo: Martins Fonte, 1998.